



PSICANÁLISE

Bruce Fink

As aventuras
psicanalíticas do
Inspetor Canal

Blucher

KARNAC

AS AVENTURAS PSICANALÍTICAS
DO INSPETOR CANAL

Bruce Fink

Tradução
Patrícia Fabrício Lago

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

As aventuras psicanalíticas do Inspetor Canal

Título original: *The Adventures of Inspector Canal*

© 2010 Bruce Fink

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisão gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Fink, Bruce

As aventuras psicanalíticas do Inspetor
Canal / Bruce Fink ; tradução de Patrícia
Fabrício Lago. — São Paulo : Blucher, 2017.
432 p.

ISBN 978-85-212-1154-9

Título original: *The Adventures of
Inspector Canal*

1. Ficção norte-americana 2. Psicanálise –
Ficção I. Título. II. Lago, Patrícia Fabrício.

16-1470

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

Conteúdo

O caso do objeto perdido	7
O caso da fórmula pirateada	133
O caso do aperto de liquidez	293

O caso do objeto perdido

*“O homem roubado que sorri rouba alguma coisa do ladrão;
O que chora, a si mesmo rouba outra porção.”*
Shakespeare

Chovia muito e as luzes já haviam vacilado duas vezes quando o telefone tocou no amplo escritório do apartamento do inspetor Canal em Manhattan.

Após dois toques, a frase *jamais deux sans trois* ocorreu a Canal. Ele refletiu que a expressão mais próxima em inglês, “a terceira vez é a mágica”, era otimista. Já a expressão francesa era definitivamente pessimista: se algo aconteceu duas vezes, estava condenado a acontecer uma terceira.

Os franceses e os americanos, Canal refletia enquanto o telefone continuava tocando, eram uma aula de contrastes, tão opostos como poderiam ser. Não somente em suas assim chamadas características nacionais – a diferença forjava-se já em seus idiomas.

Tocqueville, Canal refletiu, poderia ter se poupado de uma longa e perigosa viagem de barco e gasto o tempo de forma mais proveitosa estudando as expressões idiomáticas norte-americanas...

Quando Canal acordou de seus devaneios e deu-se conta de que o mordomo que geralmente atendia ao telefone estava de folga, a ligação já havia caído. Mas no momento em que o supostamente aposentado inspetor do Serviço Secreto Francês voltou a sentar-se para se concentrar no curto artigo sobre negação que analisava, o telefone começou novamente a tocar. Dessa vez ele sem demora apanhou o aparelho.

“Dr. Canal?”, perguntou a voz.

“Sim?”

“É o Olivetti”, afirmou a voz. “Está desaparecido! O-”

“Olivetti está desaparecido?”

A comunicação entre Canal e Olivetti, o inspetor do Departamento de Polícia de Nova York, sempre foi levemente dificultada pelo forte sotaque francês de Canal, em que “x” geralmente soava como “cz”, e “e” como “é”. Mas hoje o inspetor divertiu-se à custa de Olivetti, fingindo entender que o “está” referia-se ao próprio. O francês sempre instava o americano a prestar atenção à forma como as pessoas se expressavam, em oposição ao que elas tentavam comunicar. Mas Olivetti prestava pouca atenção às explicações de Canal, considerando que a forma como algo era dito não tinha importância.

“Não, não Olivetti”, respondeu o americano, inquieto, “Aqui é o Olivetti”.

“Enton quem está desaparecido?”, perguntou Canal.

“Ninguém. É um movimento”.

“O que é um movimento?”

“Um movimento está desaparecido”, Olivetti tentou explicar.

“Um movimento?” Canal perguntou confuso. “Movimento de quem?”

“Se eu soubesse, não estaria ligando para o senhor”.

“*J’y perds mon latin*”, Canal resmungou. “O senhor bebeu, inspetor?”

“Não, claro que não.”

“Então talvez devesse beber. Fale com algum sentido, homem! De que tipo de movimento estamos falando?”

“Um movimento em uma peça, me disseram”, Olivetti respondeu.

“Uma o quê?”

“Uma peça: P-E-Ç-A”.

“Que tipo de peça?”, perguntou Canal, mais confuso do que nunca. “Uma peça de teatro? Peça de algum equipamento?”

“Equipamento? Não, nada assim!”, lamuriou o americano. “É algum tipo de peça musical, uma partitura”.

“Ah, uma partitura!” Canal começou a ver a luz. “O que o senhor quer dizer, está faltando um movimento?”

“Alguém tomou”.

“Tomou? Como se toma um movimento? Você o coloca entre os lábios e sorve seu conteúdo?” questionou Canal, ironicamente.

“Não se faça de burro comigo!” o oficial rosnou. “O senhor entendeu muito bem o que quero dizer – foi roubado!”

“Mas o senhor não respondeu à minha pergunta”, continuou Canal, serenamente, “Como se rouba um movimento de uma partitura?”

“Da mesma forma que se rouba qualquer outra coisa – o senhor pega e sai correndo!”

“Mas se é um movimento de uma partitura, o senhor provavelmente está falando de música clássica.”

“Acredito que sim.” O nova-iorquino aquiesceu reservadamente.

“E non ecziste um dono de uma música clássica, certo?”

“Aparentemente, ecziste sim”, respondeu Olivetti, imitando involuntariamente o sotaque anormalmente acentuado de Canal.

“Então a quem pertence a música em questão?”

“É difícil dizer no momento.”

“Difícil dizer?” Canal repetiu.

“Sim, ainda não está claro a quem ela pertence.”

Canal coçou sua cabeça, um gesto perdido por Olivetti. “Se o senhor não sabe a quem a partitura pertence, como sabe que foi roubada?”

Olivetti acenou com a cabeça em concordância, um gesto perdido por Canal. “Olha, eu sei que parece ridículo, mas o senhor poderia vir me encontrar no Lincoln Center em uma hora?”

“Se o senhor me prometer que será mais claro lá do que ao telefone, não deixarei de encontrá-lo”.

“Obrigado”, Olivetti consentiu, “Nos vemos em uma hora”.

“Onde no Lincoln Center?” perguntou Canal, um pouco depois. Mas era tarde demais: Olivetti já havia desligado.

I

Felizmente para Canal, o carro de Olivetti, sempre estacionado de forma irregular, oferecia uma indicação quanto ao paradeiro do nova-iorquino. Adentrando pelas portas mais próximas ao decadente Ford Taurus, Canal percebeu de relance seu contato parado ao lado do balcão de informações, conversando com uma atraente recepcionista cerca de vinte anos mais jovem.

Olivetti enrubesceu levemente quando percebeu Canal, um homem grisalho de porte médio cerca de vinte anos mais velho do que ele, parado ao seu lado. Ele rapidamente perguntou à recepcionista, “Então você disse que é o quarto 302, no segundo corredor à esquerda?”

“Sim, isso mesmo”, respondeu a recepcionista, visivelmente surpresa pelo abrupto retorno de Olivetti ao tema.

“Tenho que correr”, Olivetti decidiu, “Vejo você um pouco mais tarde”. Ele se virou e apertou a mão de Canal. “Obrigado por vir tão rapidamente”, disse enquanto levava o francês ao elevador.

“Ela não está exatamente ao seu alcance”, Canal observou, apontando com seus olhos para a recepcionista, “ou devo dizer ‘em sua geração?’”

“Não deve dizer nada”, Olivetti respondeu defensivamente, enrubescendo, “Ela estava apenas querendo ajudar.” E apertou o botão para chamar o elevador.

“O senhor está procurando uma nova amante?” perguntou Canal. “Já se cansou da sua antiga amante?”

“Nova amante? Do que o senhor está falando?”

“O que a Sra. Olivetti diria?”

“A Sra. Olivetti não diria nada, porque não há uma Sra. Olivetti faz anos – nos divorciamos há bastante tempo.”

As portas se abriram, Canal e Olivetti entraram no elevador, e Olivetti pressionou o botão.

“Perdão”, respondeu Canal, “Eu não fazia ideia...”

“Tudo bem. Não tenho o hábito de anunciar publicamente.”

“De fato, o senhor anuncia exatamente o oposto.”

“O que o Sr. quer dizer?”

“Não é uma aliança que vejo em sua mão esquerda?”

“Ah, isso! Esqueci-me disso!”

“O senhor esqueceu-se de algo como isso?”

“É que eu não consigo tirá-la. O nó do meu dedo está inchado, muito maior do que costumava ser, e-”

Canal interrompeu a explicação, “Há quanto tempo o senhor se divorciou?”

As portas do elevador se abriram e Olivetti conduziu Canal para o andar pelo cotovelo. “Deve fazer três anos agora”.

“Então o senhor ainda arrasta as asas por ela, acho que é como vocês, americanos, dizem?”

“Eu não diria exatamente isso...”

“O que o senhor diria?” insistiu Canal.

“Acabou. Ela se foi. Ela está saindo com outra pessoa.”

“Mas o senhor ainda tem esperanças?”

“Não, não tem sentido.”

“Mas ainda assim, talvez o senhor continue tendo esperanças?”

“Basta! Chega de análise”, Olivetti disse com firmeza, “Aqui está o quarto que estamos procurando”. Ele bateu na porta.

Não houve resposta. Olivetti bateu de novo, mas Canal sacudiu a cabeça “O senhor está perdendo tempo”.

“O que Senhor quer dizer?”

“Essa é a porta errada”, Canal respondeu.

“Como poderia ser a porta errada?”, perguntou Olivetti, confuso.

“O senhor inverteu os números: a garota disse 302 e o senhor nos trouxe para o 203.” Ele murmurou baixinho: “*Peut-être il peut y avoir deux sans trois*, um casal sem um triângulo, mas então não funciona em italiano, funciona: *due cento e tre?* Talvez no inglês antigo *two nought three*¹ funcione melhor, especialmente considerando que *nought* parece bastante com *not*”. Mais alto ele disse,

“O senhor está se perguntando como se livrar desse terceiro, esse novo homem com quem sua ex-mulher está saindo?”

Olivetti virou-se para Canal parecendo espantado. Quando finalmente falou, ele admitiu, “Sim, acho que realmente troquei os números.”

“E o senhor disse que se passaram três anos desde o divórcio?” Canal prosseguiu, enquanto era levado de volta ao elevador. Olivetti não ofereceu resistência quando Canal mudou de direção e o levou às escadas, refletindo que era mais difícil subir um andar necessitando de esforço físico para chegar lá, do que quando se tratava somente de apertar botões.

Olivetti olhou distraidamente para o chão. “Sim, três anos, e não se passou um dia sem que eu pensasse nela. Que tolo fui! Nunca a valorizei quando a tinha... É como dizem: ‘Você nunca sabe o que tem, até que se vá’”.

“E mesmo então!”, Canal opinou. “Aqui estamos.”

II

Canal guiou Olivetti para uma porta com o número 302. “Era por essa pessoa que o senhor estava procurando, o diretor musical da Orquestra Filarmônica de Nova York?” perguntou o francês.

“Sim, Rolland Saalem.”

“Era dele o movimento que foi roubado?” perguntou Canal.

“Bem, como eu disse, não tenho certeza se o movimento era dele, mas foi ele quem ligou para a polícia. Eu logo soube que iria querer a sua ajuda com...”

Enquanto Olivetti buscava a descrição mais apropriada, Canal proferiu, “Com um grande figurão como ele?”

O nova-iorquino piscou para o francês e então bateu.

A porta abriu, revelando um homem distinto com seus setenta e poucos anos. Sua forma pequena e esbelta contrastava acentuadamente com a de Olivetti, que era maior e mais largo em virtualmente todos os aspectos imagináveis. “Inspetor Olivetti, eu presumo?” ele perguntou. Olivetti aquiesceu. “E esse é?”

Olivetti pareceu despreparado para responder a essa pergunta aparentemente simples. Ele hesitou, “É um amigo, ou melhor, um consultor. Bem, na verdade ele é um-.”

Canal interrompeu o trem desgovernado. Estendeu sua mão para Saalem, dizendo, com seu sotaque carregado habitual “Dr. Canal, a seu serviço. Sou um inspetorr aposentadô do Serviço Secreto Francês.”

“*Très hereux de faire votre connaissance*”, respondeu Saalem, que passara parte dos seus anos como estudante em Versailles. Apertou a mão de Canal, embora incerto quanto aos motivos da presença daquele homem. Então, dando-se conta de que ainda não tinha apertado a mão estendida de Olivetti, rapidamente o fez. “Entrem, cavalheiros. Sintam-se em casa,” acrescentou, apontando para as poltronas excessivamente estofadas ao redor da mesa de café, à direita do quarto excepcionalmente grande e bem equipado. Olivetti e Canal rodearam o aparador à frente da porta e o piano de cauda Steinway imediatamente à sua direita, passaram por diversas, grandes e transbordantes estantes de livros – Canal demonstrando muito mais interesse do que Olivetti – e sentaram-se com as janelas apontando para o parque Damrosch atrás deles. Eles viram-se diante de Saalem, com uma estonteante coleção de

quadros com molduras douradas dos séculos dezoito e dezenove na parede atrás dele.

Saalem iniciou os procedimentos, “Posso oferecer-lhes algo para beber? Vinho do Porto? Whiskey?” Vendo Olivetti sacudir a cabeça às duas ofertas, tentou um caminho diferente, “Coca-cola? Água com gás?”

Olivetti assentiu à penúltima oferta, “Sim, Coca-Cola seria ótimo.”

Saalem deslizou dois painéis cor de cereja, revelando um bar bastante elaborado ao lado de um refrigerador considerável. Escolheu um copo, abriu a porta do refrigerador, removeu uma pequena garrafa de vidro de Coca-Cola, abriu-a, verteu o conteúdo no copo e entregou-o a Olivetti, que o aceitou grato. Saalem então olhou para Canal, inquisitivo, “Algo para o senhor, Dr. Canal?”

“Não pude deixar de notar o que pareceu um fabuloso Sauternes no seu refrigerador – estaria errado em supor que se trata de um Château Yquem?”

O choque no rosto de Saalem era evidente. “O senhor conseguiu ver que era um Château Yquem de onde está sentado?”

“Então é um Château Yquem?” O deleite animava as feições de Canal.

“De fato é. Sua visão é tão boa que o senhor consegue ler um rótulo a vinte passos de distância?”

“Ah, não, isso tem pouca relação com visão. O senhor me consideraria terrivelmente atrevido se eu pedisse uma pequena prova?”

Saalem hesitou por um pequeno instante, e Canal apressadamente disse, “Vejo que, como de costume, eu ultrapassei meu-.”

Saalem silenciou-o, dizendo: “De forma alguma. O senhor veja, eu nunca soube exatamente quando abrir essa garrafa – afinal, não se recebe uma garrafa assim todos os dias.”

“Certamente não!”, exclamou Canal.

“Eu sempre pareço estar à espera de uma ocasião verdadeiramente especial para abri-la, e a combinação certa de comida e companhia...”

Canal olhou para o diretor musical. “Sim, eu suponho que discutir o roubo de seu movimento com dois inspetores grosseiros dificilmente se qualifica como uma ocasião especial...”

Saalem reabriu o refrigerador e, pronunciando as palavras simples, “*Tant pis*, o senhor só vive uma vez”, tirou a garrafa de onde estava e colocou-a em uma bandeja de prata, ao lado de três copos. “O senhor se juntará a nós, certo, inspetor Olivetti?”

“Receio que nunca durante o trabalho”, Olivetti disse balançando a cabeça.

“O senhor pode nunca ter a chance de provar algo assim novamente,” Canal opinou. “Se alguma vez pensou em quebrar as regras, este é o momento para fazê-lo!”

“*On dirait que vous savez de quoi vous parlez*”, Saalem disse a Canal. Dirigindo-se a Olivetti, que havia se permitido ser persuadido a provar o Sauternes, ele perguntou, “*Vous parlez français?*” Olivetti ainda estava olhando para a garrafa que Saalem havia colocado na mesa de café. A falta de resposta do inspetor parecia fornecer a Saalem a resposta que seus lábios não haviam fornecido. “Eu acho que devemos falar inglês”, disse a Canal.



Clique aqui e:

Veja na loja

As aventuras psicanalíticas do Inspetor Canal

Bruce Fink

ISBN: 9788521211549

Páginas: 432

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2017
